

## Grupo focal presencial e *on-line*: abordando questões conexas e disruptivas

João Ferreira Sobrinho Junior<sup>1</sup>

Nyuara Araújo da Silva Mesquita<sup>2</sup>

Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, Brasil

### RESUMO

A pandemia da COVID-19 compeliu a um maior uso remoto de situações cotidianas que antes eram destinadas predominantemente ao contexto presencial, dentre elas, o grupo focal. Assim, este artigo se propôs a dialogar através das questões conexas e disruptivas existentes entre o grupo focal presencial e o grupo focal *on-line*. O percurso metodológico se pautou de pesquisa documental e bibliográfica para o levantamento, coleta e análise dos dados de forma qualitativa. Como resultado levantamos aspectos fundamentais conexas que permeiam o grupo focal presencial e *on-line*, que são: tamanho do grupo; duração; recrutamento dos entrevistados; conteúdo; transcrição; comunicação dos observadores com o moderador. E também perspectivas disruptivas entre estes dois modelos de grupos focais como: composição do grupo; ambiente físico; identidade do entrevistado; atenção do entrevistado; dinâmica de grupo; comunicação não verbal; uso de estímulos físicos; habilidades exclusivas do moderador; tempo de execução; custos de viagem do cliente; envolvimento do cliente; e, custos básicos da discussão em grupo. Conclui-se que, por meio desses diálogos, se possibilitará uma melhor compreensão do pesquisador sobre a escolha adequada do tipo de grupo focal que fará uso, levando-se em conta para isso, o seu objeto de estudo.

**Palavras-chave:** Grupo focal presencial; Grupo focal *on-line*; Técnica de pesquisa; Pandemia; COVID-19.

### ABSTRACT

The pandemic of COVID-19 has compelled greater remote use of everyday situations that were previously intended predominantly in the face-to-face context, among them the focus group. Thus, this article aims to discuss the related and disruptive issues between the face-to-face focus group and the *on-line* focus group. The methodological path was based on documentary and bibliographic research for the survey, data collection, and qualitative data analysis. As a result, we found fundamental aspects that permeate the face-to-face and *on-line* focus groups, which are: group size; duration; recruitment of interviewees; content; transcription; communication between observers and the moderator. And also disruptive perspectives between these two focus group models such as: group composition; physical environment; respondent identity; respondent attention; group dynamics; non-verbal communication; use of physical stimuli; unique moderator skills; running time; client travel costs; client involvement; and, basic costs of group discussion. We conclude that these dialogues will enable the researcher to better understand the appropriate choice of the type of focus group to be used, considering the object of study.

**Keywords:** In-person focus group; *On-line* focus group; Research technique; Pandemic; COVID-19.

### 1. Primeiras palavras...

Na pesquisa científica, os dados advindos da coleta devem passar com um critério crível e adequado para que este seja considerado válido, pois sem um olhar acurado quanto à forma na qual se recolhem essas

---

<sup>1</sup>Endereço de contacto: joffersoju07@hotmail.com

<sup>2</sup>Endereço de contacto: nyuara@ufg.br

informações, a pesquisa pode tender a uma imparcialidade ou fragilidade – mesmo que sem a intenção do pesquisador – ao qual, poderia tornar superficial os resultados obtidos. Nesse sentido, uma técnica de pesquisa deve ser adequada para os fins ao qual se almeja a investigação, seja ela no contexto qualitativo ou quantitativo, e desse modo, tais técnicas estão estreitamente vinculadas à coleta de dados, pois segundo Andrade (2010) “são conjuntos de normas usadas especificamente em cada área das ciências, podendo-se afirmar que a técnica é a instrumentação específica da coleta de dados” (p. 115).

Desse modo, podemos citar diversas técnicas de pesquisa sob o contexto da abordagem qualitativa, tais como: pesquisa-ação; pesquisa participativa; pesquisa etnográfica; grupo focal; estudo de caso, dentre outras. Cada uma delas possui as suas especificidades, porém, para este trabalho reflexivo, destacaremos o grupo focal. Nesse sentido, Trad (2009) ressalta que há um aumento significativo na utilização dos grupos focais no Brasil, sendo como técnica principal ou complementar, com fins a “apreender percepções, opiniões e sentimentos frente a um tema determinado num ambiente de interação” (p. 777). Em Portugal também há pesquisas atuais que fazem uso da técnica de grupo focal, como a de Gomes *et al.* (2020) que teve por objetivo “investigar as implicações pragmático-discursivas da espacialização em conversas realizadas por surdos portugueses usuários da Língua Gestual Portuguesa (LGP)” (p. 57).

Ao se tratar de grupos focais, não estamos a considerar um único modelo de execução, e sim, tanto aqueles que se dão de forma presencial, quanto no formato *on-line*. Esses dois modelos não são iguais, pois pode-se perceber situações nas quais o uso de um deles pode ser melhor opção do que o outro. Igualmente é relevante pontuarmos que, no contexto dos reflexos sociais advindos da pandemia da COVID-19, uma outra visão se formou ao se desmistificar pré-conceitos existentes acerca dos encontros, reuniões e congressos virtuais, pois na pandemia da COVID-19, a pesquisa também foi impactada em decorrência de impedimentos dos movimentos de coleta de dados na forma presencial. Ao analisar os desafios relacionados ao desenvolvimento de pesquisas e coleta de dados por meio de entrevistas na pandemia, Schmidt, Palazzi e Piccinini (2020) sinalizam que “faz-se necessário ampliar as estratégias de coleta de dados para contemplar adaptações e novos recursos que permitam a continuidade das pesquisas, apesar da pandemia” (p. 961).

Compreendemos que há pontos positivos e negativos na escolha entre realizar uma ação presencial ou virtual e que a utilização dos grupos focais, insere-se nesse cenário. Conquanto, consideramos ainda que no contexto anterior à pandemia da COVID-19, o grupo focal presencial era bem mais usual que aquele que se dava no ambiente *on-line*, no entanto, se a partir do pós-pandemia o grupo focal *on-line* será mais utilizado, é uma questão que somente nos próximos anos poderá ser respondida.

Em relação aos caminhos metodológicos que trilharemos, nosso trabalho reflexivo se baseará em uma abordagem qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica e documental. Segundo Gil (2017) esses dois tipos de pesquisa são semelhantes, mas se diferenciam por conta da natureza de suas fontes, pois, de um lado, na pesquisa documental não há uma avaliação sobre o conteúdo presente no documento, pois é baseada na intencionalidade e discricionariedade de seu autor. Dentre os exemplos de pesquisa documental temos os websites, diários, regulamentos, ofícios, cartas pessoais, dentre outros. Em relação ao arcabouço teórico do trabalho destacamos como pesquisa documental, apenas o texto de Weber *et al* (2019).

De outro lado temos a pesquisa bibliográfica que se estabelece em materiais que já tiveram - em relação ao seu conteúdo - o crivo de pares antes de sua publicização, o que lhe confere – de certa forma – uma alta confiabilidade. Dentre esses elementos postos, podemos citar os livros com corpo editorial e artigos científicos revisado por pares. Em relação ao arcabouço teórico de nosso trabalho destacamos como pesquisa bibliográfica livros, como os de Flick (2009), Malhotra (2011), dentre outros. No que tange os artigos científicos citamos Schneider *et al* (2019) e Souza (2020). É de se destacar que os materiais deste trabalho reflexivo foram selecionados tanto no que tange sua pertinência e atualidade, como também pela sua relevância para esta temática, seja devido ao seu autor ou mesmo o texto em si, ainda que por vezes sua publicação não seja tão atual, se mostrou importante para o artigo.

No que concerne à coleta, análise e discussão dos dados, por primeiro será explanado brevemente sobre o grupo focal de forma geral no que tange a sua historicidade e conceituação. Após, apresentaremos mais especificamente sobre as características do grupo focal presencial como também do grupo focal *on-line*. Além disso, será apresentado um panorama do uso de grupo focal em trabalhos realizados – em diversos lugares do mundo - durante o tempo da pandemia da COVID-19. E por fim, esboçaremos um comparativo para melhor

situar e apresentar ao leitor sobre as possibilidades de uso de cada um desses modelos de grupo focal. Nesse sentido, este artigo propõe um trabalho reflexivo sobre essa temática acerca de grupo focal presencial e *on-line*.

O objetivo desta pesquisa é dialogar através das questões conexas e disruptivas existentes entre o grupo focal presencial e o grupo focal *on-line*. Tal investigação vem no esteio de que a utilização de grupo focal está cada dia mais em voga, tornando isso, por si só, relevante para um olhar mais acurado sobre esse objeto em questão. Ademais, a pandemia da COVID-19, compeliu a um maior uso remoto de situações cotidianas que antes eram destinadas predominantemente ao contexto presencial, como reuniões, eventos, congressos, dentre outros, e neste caso, também o grupo focal está imerso nesse contexto. Enfim, consideramos que abrir um diálogo que tome por base tal perspectiva de uso de grupo focal, pode colaborar em debates e reflexões por pesquisadores e estudantes, tanto no que tange aspectos empíricos quanto teóricos, que se estabelecem com o foco nesse objeto.

### **Um olhar sobre perspectivas inerentes ao grupo focal presencial e *on-line***

Para um olhar mais acurado sobre as perspectivas que rodeiam o grupo focal, a fim de uma melhor compreensão desta temática pelo leitor, passaremos primeiramente às origens, por conseguinte descreveremos suas concepções e, por fim, apresentaremos um panorama de seu uso em trabalhos realizados durante o tempo da pandemia da COVID-19 para termos uma visão global sobre a técnica do grupo focal, tanto no âmbito presencial quanto *on-line*.

A técnica do grupo focal, de acordo com Leitão (2003), se origina historicamente como instrumento qualitativo de pesquisa a partir do início do século XX com Bogardus, passando por Lazarsfeld na década de 1940, e que estes foram – *a priori* - fortes influenciadores de Merton, Fiske e Kendall nas décadas seguintes. Assim, a técnica do grupo focal foi gerida no campo das ciências sociais, mas, primeiramente implementou-se e popularizou-se no marketing, muito embora, esse instrumento tenha aplicabilidade em diversos campos do conhecimento humano.

Ao tratarmos sobre as características da técnica de grupo focal, indicamos em linhas gerais, que o grupo focal independentemente de ser presencial ou *on-line*, é composto pelos participantes (sujeitos da pesquisa) que são recrutados pelo moderador, que pode ser o próprio pesquisador ou outra pessoa mais específica para a função, que irá conduzir o grupo sob uma temática pré-estabelecida por ele.

Acerca dos conceitos e algumas caracterizações mais específicas da técnica de grupo focal, discorreremos sobre a visão de alguns autores, primeiramente no âmbito presencial e depois, no *on-line*. Nesse sentido, para Malhotra (2011) o grupo focal deve ser coordenado por um moderador treinado, que possa atuar de forma livre com um pequeno grupo. Também destacamos o pensamento de Vergara (2016) que concorda com o pequeno número de pessoas para a realização do grupo focal, tendo em vista, o afinilamento e a direção que este instrumento de coleta de dados pode trazer para a pesquisa.

De outro modo, Leitão (2003), ao discorrer sobre o grupo focal no campo da administração e gestão, destaca a importância do registro dessa ação pois, “para aqueles que não puderam estar lá, as imagens captadas oferecem uma ideia da atmosfera, dos melhores momentos e das personalidades envolvidas” (p. 52). Dessa forma, é relevante o registro por imagem ou áudio para que o sujeito que não estiver presente, possa compreender o ambiente daquele grupo, naquele tempo e lugar.

Ainda sob o sentido dos aspectos inerentes à técnica de grupo focal, Silva e Assis (2010) ressaltam que ela possibilita o acolhimento do sujeito, facilitando a aproximação afetiva e direta, devido a escuta pelo pesquisador/moderador. Nesse sentido, a partir de uma temática que o participante vivencia, pode-se trazer à tona, toda uma bagagem de conhecimento e experiência que passa a ter significado relevante para esse sujeito participante.

No grupo focal também há dificuldades como Flick (2009) relata acerca das anotações das discussões no grupo, quando discorre sobre a problemática em como se deve documentar os dados para que se permita a identificação de cada um dos entrevistados, mesmo em momentos de falas sobrepostas. Dessa forma, na transcrição pode haver certa confusão sobre quem expressou determinada fala, e por conta disso, deve-se ter atenção a este contexto no momento da aplicação da técnica para dirimir tais problemáticas.

Também sobre as dificuldades, Malhotra (2011) cita a clareza nas falas que é responsabilidade do moderador e a própria abordagem proposta pelo roteiro estabelecido para a aplicação no grupo focal, fazendo com que a “qualidade dos resultados dependam expressivamente das habilidades do moderador; infelizmente, moderadores que possuem todas as habilidades desejáveis são raros” (p. 127). A vista disso, é relevante considerarmos não somente as vantagens, mas também as limitações do grupo focal com a finalidade de abrandar os possíveis erros/dificuldades que podem advir desse cenário, prejudicando assim, a própria aplicação da técnica.

Nos dias atuais os grupos focais também passaram a ser realizados de forma *on-line*. Tal afirmação é corroborada por Flick (2009) quando diz que “mais recentemente, os pesquisadores começaram a fazer experiências com grupos focais virtuais, ou seja, participantes de uma sala de bate-papo na internet, por exemplo, ou que foram contatados e se comunicam por meio dela” (p. 114). Nesse sentido, temos a realçar que não podemos apenas transpor a forma como é realizado o grupo focal presencial para o grupo focal *on-line*, pois, no momento em que uma nova ferramenta/modelo é inserida em um contexto de coleta de dados, os procedimentos devem se adequar a este, modificando assim os procedimentos preexistentes (Costa et al., 2009). Por conta disso, é relevante traçarmos as características presentes no grupo focal *on-line*, devido suas particularidades.

Para a utilização do grupo focal *on-line*, segundo Bordini e Sperb (2011), é necessário que os participantes tenham uma maior familiaridade com o uso da tecnologia, ainda mais o moderador que “precisa não apenas estar apto a comunicar-se por meio dele, mas também estar plenamente familiarizado com ele, para conseguir moderar adequadamente a discussão” (p. 244). Ademais, segundo Abreu, Baldanza e Gondim (2009), “os dados coletados em grupos focais virtuais são tão ricos quanto os gerados através de grupos focais presenciais, e muitas das dificuldades apontadas são as mesmas nas duas modalidades de pesquisa” (p. 19). Em vista a isso, é relevante que se faça escolha pela técnica de acordo com o objetivo e o referencial teórico metodológico que a orientam.

Então o uso do grupo focal *on-line* não deve ser aplicado sem fundamento teórico, tendo em vista, a possibilidade de não se utilizar de sua potencialidade. Sob esse pensamento, Faria e Oliveira Junior (2019) corroboram que a justificativa para o uso do método *on-line* precisa estar além da praticidade e sim, em concordância com a pergunta problema do pesquisador. Uma vez que, ao considerar a utilização com base em princípios teóricos e aspectos de usabilidade e acesso à internet, procura-se fugir da possibilidade de o fenômeno ser ofuscado pela forma ao qual foi aplicada a técnica.

Além disso, o grupo focal *on-line* é uma tendência para o futuro, tendo em vista os avanços tecnológicos e a utilização em massa das ferramentas virtuais, principalmente entre os jovens (Souza, 2020). Essa perspectiva é corroborada por Duarte (2007) em seu estudo sobre os escoteiros e cita que a implementação da coleta de dados virtuais foi naturalmente aceita pelos jovens. Considerando-se que os jovens cada vez mais cedo tendem a serem usuários corriqueiros das ferramentas tecnológicas, nada mais natural que sua adaptação se dê de forma mais espontânea.

O grupo focal *on-line* deve dispor das possibilidades de visualização do participante, tendo em vista a necessidade de suas reações e percepções sejam vistas, para que desse modo possam ser avaliadas. Tal pensamento é corroborado por Weber, Mota e Antonacachi (2019) quando citam o uso do vídeo e a importância de uma boa infraestrutura da rede de internet, pois, desse modo, vários fatores podem influenciar na aplicação viável da técnica.

Outrossim, Schneider, Feuerschütte e Alperstedt (2019) citam como possibilidades de vantagens, por exemplo, a conveniência, custos reduzidos, rapidez, abordagem de temas polêmicos, dentre outros. E como desvantagens citam questões como “não captar aspectos da comunicação não-verbal, tal como ocorreria em uma sessão presencial, e impossibilitar a participação de quem não tem acesso à internet” (p. 99).

Nesse mesmo sentido, Malhotra (2011) também destaca essas dificuldades advindas do grupo focal *on-line* ao descrever a limitação de indivíduos pela acessibilidade à rede, além de questões como linguagem, expressões corporais e emoções não serem tão fáceis de ser distinguidas a partir de meios eletrônicos. Ademais, situações em que o toque no objeto é necessário, ou mesmo a incapacidade de frear qualquer distração externa, podem ser empecilhos para a aplicação da técnica virtualmente.

Desse modo, deve-se atentar na escolha entre o grupo focal presencial e o *on-line*, para qual melhor se adequa às necessidades e fins da pesquisa, para assim, investigar o objeto de estudo adequadamente e dele abstrair fielmente as respostas que procura.

Após abordamos questões gerais sobre a técnica do grupo focal, tanto no âmbito presencial quanto *on-line*, discorreremos sobre trabalhos realizados no contexto da pandemia da COVID-19 que utilizaram essa técnica como instrumento de coleta de dados. Tal direcionamento é importante ao trabalho para que possamos conhecer alguns aspectos característicos das diferentes formas de uso do grupo focal, com fins a dar respostas às inquietudes destes tempos de pandemia e podermos assim, contribuir com pesquisadores que busquem caminhos para a escolha entre o formato presencial ou o formato *on-line*. Destacaremos cinco trabalhos em nossa abordagem: Lathen e Laestadiu (2021); Takashima *et al.* (2020); Kumari *et al.* (2021); Araujo *et al.* (2021); e, Williams *et al.* (2020).

O primeiro é o trabalho de Lathen e Laestadiu (2021) que foi realizado nos Estados Unidos, e que se propôs a refletir sobre os impactos advindos da necessidade de uso dos métodos *on-line* por conta do distanciamento social decorrente da pandemia da COVID-19 nas populações vulneráveis e, para tal, fez uso de grupo focal *on-line*. A pesquisa concluiu que se faz necessário uma maior atenção às pessoas em situação de vulnerabilidade para que suas vozes sejam ouvidas com mais clareza.

O segundo trabalho é o de Takashima *et al.* (2020) que foi realizado no Japão, e que se propôs a compreender as percepções de idosos da comunidade de Hokkaido sobre como o COVID-19 restringiu suas vidas diárias. Para este estudo foi realizado grupo focal presencial, muito embora, a região estivesse em pandemia e próximo ao pico de casos da época, os autores destacaram que utilizaram de regras de distanciamento e uso de máscaras para evitar o contágio, ainda mais por conta da idade dos participantes. A pesquisa concluiu que, muito embora o medo e a prevenção contra a COVID-19 tivessem sido importantes, o que mais os afligia os idosos estava relacionado à falta de estímulos que lhe proporcionassem um senso de propósito de vida.

O terceiro trabalho é o de Kumari *et al.* (2021) que foi realizado na Índia, e que se propôs a interpretar o conhecimento atual, atitude, percepções e preocupações sobre a vacina COVID-19 na população indiana. Para este estudo se utilizou de grupo focal presencial, muito embora estivessem em tempos de alto contágio, os autores destacaram que medidas preventivas de proteção à COVID-19 foram tomadas. A pesquisa concluiu que as pessoas possuem percepções diversas sobre a vacina e, desse modo, propagandas de esclarecimento dos benefícios da vacina podem convencer um número maior de indivíduos a se vacinarem.

O quarto trabalho é o de Araujo *et al.* (2021) que foi realizado em Portugal, e que se propôs a explorar as percepções de especialistas sobre o desempenho dos lares de idosos durante o surto de COVID-19. Para o estudo se fez uso de grupo focal presencial, no entanto, os cuidados contra o contágio foram preservados. A pesquisa concluiu que esses idosos são mais suscintos a doenças em geral, como também a contaminação por COVID-19, porém, a questão da fragilidade mental e a solidão, podem se agravar pelas circunstâncias impostas pela pandemia.

E por fim, o quinto trabalho é o de Williams *et al.* (2020) que foi realizado na Grã-Bretanha, e que explorou as percepções e experiências públicas do Reino Unido acerca do distanciamento social e isolamento social relacionadas à pandemia de COVID-19 e, para o estudo em questão, se utilizou de grupo focal *on-line*. A pesquisa concluiu que é necessária uma ação rápida, a partir de estratégias traçadas pelo poder público, para mitigar os impactos na saúde mental dos indivíduos.

Em suma, a partir desses trabalhos que foram concebidos nos tempos da pandemia da COVID-19 sob o arcabouço da técnica de pesquisa qualitativa de grupo focal, presencial ou *on-line*, nota-se que o seu uso permanece atual e profícuo no que tange a identificar e trazer à tona resultados relevantes para diversos aspectos que afligem a nossa sociedade nestes tempos sombrios de pandemia.

## **2. Resultados e discussões**

A escolha pelo uso de grupo focal presencial ou *on-line* pelo pesquisador não é algo meramente trivial. Assim sendo, apresentaremos um quadro comparativo dos dois modelos sob diversos aspectos, conforme Quadro 1, para que a partir disso, possamos analisar as suas relações conexas e disruptivas.

**Quadro 1.** Caracterização de uso de grupo focal em situações presenciais versus situações *on-line* (Adaptado. de Malhotra, 2011, p.130)

Características	Discussões em grupo presenciais	Discussões em grupo <i>on-line</i>
01 Tamanho do grupo	Oito a doze participantes	Quatro a seis participantes
02 Composição do grupo	Do lugar da ação	Qualquer lugar do mundo
03 Duração	De uma a três horas	De uma a uma hora e meia
04 Ambiente físico	Sob o controle do pesquisador	O pesquisador tem pouco controle
05 Identidade do entrevistado	Facilmente confirmada	Difícil de confirmar
06 Atenção do entrevistado	A atenção pode ser monitorada	Os entrevistados podem se envolver em outras tarefas
07 Recrutamento do entrevistado	Recrutados por meios de comunicação tradicionais (telefone, correio)	Podem ser recrutados <i>on-line</i> , por e-mail ou por meios de comunicação tradicionais (telefone, correio)
08 Dinâmica de grupo	Efeito sinérgico, bola de neve (efeito dominó)	Limitada
09 Franqueza dos entrevistados	Os entrevistados são francos, exceto para assuntos delicados	Os entrevistados são mais francos devido à ausência de contato pessoal
10 Comunicação não verbal	Fácil de observar a linguagem corporal e as emoções	A linguagem corporal não pode ser observada.
11 Uso de estímulos físicos	Uma variedade de estímulos (produtos, propaganda, demonstrações etc.) pode ser utilizada	Emoções expressas utilizando símbolos e limitado aqueles que podem ser exibidos na internet
12 Transcrição	Demorada e cara de se obter	Disponível imediatamente
13 Comunicação dos observadores com o moderador	Os observadores podem enviar anotações manualmente ao moderador na sala na discussão em grupo	Os observadores podem se comunicar com os moderadores em uma tela dividida
14 Habilidades exclusivas do moderador	Habilidade de observação	Digitação, uso do computador, familiaridade com gírias em salas de bate-papo
15 Tempo de execução	Leva muitos dias para ser preparado e concluído	Pode ser preparado e concluído em poucos dias
16 Custos de viagem do entrevistado	Pode ser caro	Nenhum
17 Envolvimento do entrevistado	Alto	Limitado
18 Custos básicos da discussão em grupo	Mais caro devido locação da instalação, comida, gravação em áudio e vídeo e preparação da transcrição	Mais barato

Em vista dos argumentos expostos e o comparativo entre grupos focais presencial e *on-line*, temos que a escolha pela técnica de pesquisa deve se ater ao propósito ao qual se tem por objetivo da pesquisa. Muito embora, não se deve descartar o uso dos dois modelos concomitantemente, sendo que em um determinado momento poder-se-ia utilizar de um grupo focal presencial e em outro, um grupo focal *on-line*. Conquanto, estas são conjecturas às quais, apenas um olhar mais específico sobre o que se busca pesquisar, é que se terá uma resposta viável de sua escolha.

Enfim, após uma análise geral é interessante destacarmos individualmente, item a item, os pontos de convergência e divergência que consideramos haver entre esses modelos de grupo focal. Temos então que em relação à convergência, o grupo focal presencial e o *on-line* estão conexos pelos seguintes elos: tamanho do grupo (item 1); duração (item 3); recrutamento dos entrevistados (item 7); conteúdo (item 9); transcrição (item 12); comunicação dos observadores com o moderador (item 13).

Em relação ao tamanho do grupo (item 1), realçamos que o número de entrevistados ser variável não tem relação com o modo como é realizado o grupo, seja ele presencial ou *on-line*, pois se trata de um grupo pequeno de indivíduos no qual se busca conhecer suas opiniões e sentimentos, no que tange a uma temática posta, dentro de um ambiente pré-determinado.

No que tange à duração (item 3) se percebe que a distância temporal entre eles não é de modo algum discrepante e sim, bem semelhante, uma vez que o tempo do grupo focal *on-line* está contido no tempo necessário para realizar um grupo focal presencial. Muito embora se possa perceber que o tempo dispensado ao grupo focal *on-line* é a metade do recomendado ao tempo do grupo focal presencial. Consideramos que

tal orientação se deve ao fato de que ficar em frente ao computador por mais tempo, gera mais cansaço que na participação presencial.

Quanto ao recrutamento dos entrevistados (item 7), podemos indicar que nos dias atuais, tanto o grupo focal presencial quanto o *on-line*, podem manter os mesmos canais para o convite dos entrevistados. Dessa forma, vemos por semelhante essa questão entre os dois grupos, pois o uso do smartphone, das redes sociais, e-mail, e o menos usual nos dias de hoje que é o envio de correspondências, são análogos a grupo focal.

No que se refere ao conteúdo (item 9), consideramos que os dados coletados – independentemente de ser presencial ou *on-line* – trarão uma veracidade e uma validade à pesquisa, pois os entrevistados tendem a ser francos nas respostas. Mesmo que, no contexto presencial, questões de foro mais íntimo ou particular podem trazer uma barreira para aqueles que não querem expor suas opiniões ou vivências no meio de desconhecidos. De mesmo modo, mas de forma bem menos acentuadas, essas questões podem fluir de forma mais natural em um contexto *on-line*, pelo não contato que os entrevistados possuem.

Na transcrição (item 12) nota-se que, ainda que o autor tenha diametralmente colocado o modelo presencial como caro e demorado e o *on-line* como disponível imediatamente. Discordamos em parte desse olhar, pois vemos que ambos os modelos não possuem uma transcrição pronta, pois muito embora o grupo focal *on-line* possa ser feito pelo chat, as falas dos entrevistados ou mesmo algum movimento, gesto ou articulação deles, devem ser identificados e pontuados pelo pesquisador. Nesse sentido, vemos que a transcrição nos dois modelos deve seguir um olhar mais acurado, assim sendo, este não está pronto *a priori*.

Por fim, temos a comunicação dos observadores com o moderador (item 13) que sob nosso olhar, ainda que uma se dê presencialmente e a outra virtualmente, consideramos que são equivalentes pois não há uma barreira que impeça esse diálogo profícuo entre esses dois atores do grupo focal. Atores esses que podem ou não estar presentes, tendo em vista que o papel do moderador pode ser realizado pelo pesquisador, e de outro ponto, os observadores não são necessariamente obrigatórios.

De outro modo, ao nos atermos às questões disruptivas, temos a destacar que as variáveis discrepantes são bem mais numerosas, as quais elencamos por: composição do grupo (item 2); ambiente físico (item 4); identidade do entrevistado (item 5); atenção do entrevistado (item 6); dinâmica de grupo (item 8); comunicação não verbal (item 10); uso de estímulos físicos (item 11); habilidades exclusivas do moderador (item 14); tempo de execução (item 15); custos de viagem do cliente (item 16); envolvimento do cliente (item 17); e, custos básicos da discussão em grupo (item 18).

Sobre a composição do grupo (item 2) pontuamos que esse é um item importante, pois se no caso do grupo focal presencial temos apenas pessoas que podem se dispor a ir ao local onde será realizada a ação, constituindo teoricamente um grupo mais homogêneo. No grupo focal *on-line*, esse grupo pode ser bem mais heterogêneo, ao possibilitar agregar indivíduos de culturas, costumes e vivências bem diferentes, o que muito pode enriquecer o resultado. Ainda deve-se ter em mente o foco da pesquisa, pois - por vezes - um grupo mais homogêneo representará um resultado viável, dependendo do que se investiga.

Ao discorrermos sobre o ambiente físico (item 4) e o controle que o pesquisador tem sobre todo o cenário do grupo focal, é de suma importância que o andamento da ação do pesquisador siga a rotina ao qual este pré-definiu. No contexto presencial é bem viável tal sequência, no entanto, ao tornar a coleta de dados *on-line* alguns percalços podem afetar a coleta de modo a causar alguma perda, tanto nos dados como até mesmo na sequência pré-determinada pelo pesquisador. Podemos citar por exemplo a interrupção da internet por algum fator alheio aos participantes como uma dessas causas.

A identidade do indivíduo (item 5) ser facilmente comprovada ou não, é um fator bem característico do ambiente *on-line*, pois, pode ser que alguns dos indivíduos sejam pouco conhecidos presencialmente pelo pesquisador, e isso poderia acarretar em uma não identificação do mesmo, o que criaria um vício insanável para o grupo, no caso de que poderia prejudicar e macular os dados advindos daquela ação.

Acerca da atenção do entrevistado (item 6) e o monitoramento que o pesquisador tem sobre os entrevistados do grupo focal, é destacável que mesmo em um ambiente *on-line* sejam estabelecidas algumas orientações básicas aos participantes com vistas a um melhor andamento do grupo. Nesse sentido, essas orientações podem ser voltadas a questões básicas como a de que os participantes evitem se ausentar do contato síncrono, como também que sempre estejam com a câmera ligada, dentre outros.

Ao tratarmos sobre o dinâmica de grupo (item 8), é de se realçar que no contexto presencial é notório uma maior sinergia – consideramos como uma ação mais cooperativa, na qual a presença em grupo é fundamental

para esse movimento de envolvimento - entre os entrevistados, e que tal efeito não seria tão acentuado em um grupo focal *on-line*, tendo em vista que o distanciamento entre os entrevistados pode acarretar um sentimento de não pertencimento aquele grupo.

No que tange à comunicação não verbal (item 10), temos a considerar que os indivíduos não se expressam apenas de modo verbal, pois em muitos casos a forma na qual estes se portam em determinada situação, reflete o que ele não diz. Assim, o pesquisador em um grupo focal presencial deve observar as nuances, feições e gestos dos entrevistados para, a partir daí, realizar anotações que considera relevante para o intento de sua pesquisa. No entanto, no contexto *on-line* essa observação é prejudicada, pois não é possível ver com clareza as minúcias das feições do rosto, que normalmente é a única parte do corpo exposta.

A respeito do uso de estímulos físicos (item 11) por parte do pesquisador, vemos uma diferença maior entre os modelos de grupo focal, pois se de um lado no modo presencial há uma maior possibilidade de interagir com o entrevistado com vistas a este se envolver na participação do grupo por meio de demonstrações ou mesmo instigando respostas mais incisivas, de outro lado, no modelo *on-line*, essas interações se estabelecem de forma mais limitada, sendo restritas aquelas possíveis de serem postas por meio da internet.

Em relação às habilidades exclusivas do moderador (item 14), consideramos que ele deve contribuir com o andamento do grupo e ter a habilidade aguçada na observação e escrita manual. No caso do grupo focal *on-line*, é necessário um domínio sobre as ferramentas digitais de comunicação e do aparato que utiliza para realização do grupo focal - tanto na escrita em si, como também nas formas comunicacionais que emanam do mundo digital - para que essa função de moderador possa ser bem executada.

Sobre o tempo de execução (item 15), temos a elencar que esta parte de dois quesitos que determinam essa temporalidade cronológica necessária para a execução total da ação. Pois de um lado temos a preparação e de outro a própria execução do grupo focal presencial ou *on-line*. Nesses dois quesitos o grupo focal presencial é mais dispendioso, pois, se levarmos em conta o primeiro quesito, que já foi pauta no item 3, que aborda a duração, este dura praticamente o dobro do *on-line*. E no segundo quesito que é a preparação, o grupo focal presencial tende a ser mais demorado por exigir uma preparação maior de infraestrutura de local, recursos, como também de encontrar dias mais específicos que todos os entrevistados possam estar presentes no lugar, dentre outros aspectos, e isso possivelmente, leva muito mais dias para se concluir.

No que se refere aos custos de viagem do entrevistado (item 16), é importante frisarmos que por uma questão de exigência dos comitês de ética, aquele que convida alguém para um grupo focal presencial tem obrigação de custear sua participação, deslocamento ou quaisquer outros gastos relacionados à pesquisa. Porém, no grupo focal *on-line*, esta questão econômica praticamente inexistente, pois, o que se precisaria seria basicamente o que o entrevistado já possuiria ou poderia conseguir de forma não tão complicada, como uma rede de internet fixa ou móvel, pública ou privada, para uso em um notebook, PC, tablet ou smartphone.

Quanto o envolvimento do entrevistado (item 17), é notório que em um grupo focal presencial a interação advinda da comunicação entre o moderador, o investigador e os entrevistados, possibilita um clima mais viável para que o diálogo flua de modo mais livre. Tal situação não é possível ser posta de maneira tão transparente em um grupo focal *on-line* por conta, não somente da distância que impossibilita a vivência integrada e um sentimento de pertencimento de grupo, como também da própria limitação advinda das ferramentas de tecnologias digitais utilizadas para esse encontro.

Ao nos referirmos aos custos básicos da discussão em grupo (item 18), temos que é perceptível e bem aceito que um grupo focal presencial tende a onerar mais aqueles que estão em sua gestão, por conta da necessidade que permeiam os custos da viagem dos entrevistados, mesmo sendo na mesma cidade, seria necessário arcar com transporte público, por aplicativos, dentre outros, sem falar de viagens de transportes aéreos caso fosse imprescindível. Ademais, questões concernentes à alimentação dos entrevistados, aluguel e infraestrutura do lugar, material para gravação como também – se necessário – custear a transcrição dos áudios, dentre outros elementos que podem majorar – ainda mais - o valor inicial. De outro lado, em um grupo focal *on-line*, essas questões de custos são bem menores por conta da não necessidade de aluguel de lugar ou mesmo de material de gravação, e se for utilizado por estratégia apenas a escrita através de chat, a própria transcrição seria dispensável, isso apenas citando alguns elementos.

Enfim, ao analisarmos as questões conexas e disruptivas entre os grupos focais presenciais e virtuais, temos a destacar que visualizamos mais pontos divergentes entre os modelos. Desse modo, é imprescindível, para a escolha entre um e outra forma, que o pesquisador se atente ao seu objetivo para que possa mensurar e



comparar todas as questões que emanam dele, e então, selecionar o que melhor lhe trará as respostas que procura. Pois, se as questões conexas lhe forem suficientes para uma boa pesquisa, que escolha por qualquer um dos dois modelos, pois serão equitativamente suficientes para se obter resultados satisfatórios e críveis. No entanto, se as questões disruptivas forem centrais, o melhor é ponderar qual melhor viabiliza as respostas. Ademais, em um olhar abrangente, pode-se pensar em um uso combinado entre o grupo focal presencial e *on-line*, pois o grupo focal não é constituído por uma única fase/processo, pois temos de modo geral: preparação, convocação, deslocamento, execução prática, gravação/transcrição e finalização do intento. Nesse sentido, o pesquisador pode optar por um uso presencial ou *on-line* dependendo da fase, como também de outros aspectos, a destacar o econômico. Um exemplo hipotético para esse uso combinado é o pesquisador planejar um grupo focal presencial, mas para convidar os participantes ele fará uso apenas das redes sociais. Mas, na execução da ação prática, ele terá um grupo reunido em um determinado local e no mesmo local, uma tela com outros participantes, mas em modo *on-line*, pois estes não puderam participar presencialmente por conta de questões econômicas ou outros fatores. E então, por esse exemplo dado, podemos compreender um uso combinado de grupo focal.

### 3. Considerações Finais

No intento de apresentar as considerações finais desta pesquisa, realçamos o objetivo desta investigação em curso que se propôs a dialogar através das questões conexas e disruptivas existentes entre o grupo focal presencial e o grupo focal *on-line*, com fins a colaborar em debates e reflexões por pesquisadores e estudantes, tanto no que tange aspectos empíricos quanto teóricos, que se estabelecem com o foco nesse objeto. Logo, consideramos que por meio desses diálogos se possibilitará uma melhor observação sobre a escolha de qual dos tipos de grupo focal o pesquisador realizará, de acordo com o seu olhar sobre as questões conexas e disruptivas entre os dois modelos.

Ademais como observações complementares advindas desse trabalho reflexivo, ressaltamos que não se pode simplesmente escolher um modelo de grupo focal sem uma análise/observação prática do objetivo da pesquisa, pois a depender do que se busca, teremos um modelo mais adequado. Além disso, vemos que há mais questões disruptivas que aquelas denominadas conexas, sendo estas últimas, as que aproximam os dois modelos de grupo focal. Muito embora possa-se pensar em um modelo combinado de grupo focal, considere-se o uso presencial ou *on-line* a depender da fase/processo realizado, ou até mesmo dentro da mesma fase, levando-se em conta para isso aspectos como a economicidade, no entanto, sem desconsiderar que os resultados sejam críveis e válidos à pesquisa.

Dessa forma, compreendemos que os resultados advindos desta discussão, corroboram outras pesquisas que partem do pressuposto do uso combinado entre os dois tipos de grupo focal, levando-se em conta a fase/processo inerente a essa técnica de pesquisa de modo geral. Além disso, temos a contribuir também em pesquisas comparativas acerca das características dos modelos de grupos focais, como por exemplo, as de Brügger e Willems (2008), Armenteros et al. (2011) e Woodyatt et al. (2016), dentre outras, muito embora, essas sejam anteriores à pandemia da COVID-19.

Em vista aos argumentos apresentados, temos a delinear que se pesquisar sobre a técnica de grupo focal é desafiador. Entretanto, muito embora tenhamos alcançado o objetivo deste recorte investigativo, ainda há questões que perpassam o cerne da temática aqui discutida, pois há todo um cenário que vai além do pesquisado em nosso trabalho. Tais perspectivas para futuros trabalhos permeiam a necessidade de formação para o investigador, acerca da preparação e execução de grupo focal, seja ele presencial ou *on-line*. Como também pesquisas que versem sobre contextos de uso de grupo focal combinando, o presencial e o *on-line*.

### Referências

Abreu, N. R., Baldanza, R. F., & Gondim, S. M. (2009). Os grupos focais *on-line*: das reflexões conceituais à aplicação em ambiente virtual. *JISTEM J.Inf.Syst. Technol. Manag. (Online)*, 5-24. <https://doi.org/10.4301/S1807-17752009000100001>

- Alvarez, M. D., Cuenca, A. M., Noronha, D. P., & Schor, N. (2005). A técnica do grupo focal em salas de bate-papo na avaliação de bibliotecas virtuais. *X Congresso Mundial de Informação em Saúde e Bibliotecas* (1-11). Universidade de São Paulo.
- Andrade, M. M. (2017). *Introdução á metodologia do trabalho científico*. Atlas.
- Araujo, O., Sequeira, C., Ferré-Grau, C., & Sousa, L. (2021). Residencias de ancianos en Portugal durante la COVID-19: desafios para el futuro. *Enfermería Clínica*, 1-9. <https://doi.org/10.1016/j.enfcli.2021.09.011>
- Armenteros, E. M., Ruiz, F. J., & Zamora, M. V. (2011). Differences between online and face to face focus groups, viewed through two approaches. *Journal of Theoretical and Applied Electronic Commerce Research*, 73-86. <https://doi.org/10.4067/S0718-18762012000200008>.
- Bordini, G. S., & Sperb, T. M. (2011). O uso dos grupos focais *on-line* síncronos em pesquisa qualitativa. *Psicologia em Estudo*, 437-445. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000300011>
- Brüggen, E., & Willems, P. (2008). A critical comparison of offline focus groups, online focus groups and e-Delphi. *International Journal of Market Research*, 51(3), 363-381. <https://doi.org/10.1177/147078530905100301>
- Costa, A. M., Dias, D. R., & Luccio, F. D. (2009). Uso de entrevistas *on-line* no método de explicitação do discurso subjacente (MEDS). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 36-43.
- Duarte, A. B. (2007). Grupo focal online e offline como técnica de coleta de dados. *Inf. & Soc.:Est.*, 75-85.
- Faria, A. M., & Oliveira-Junior, M. D. (2019). Grupos de foco *on-line* assíncronos: uma breve reflexão sobre sua aplicação. *E&G Economia e Gestão*, 194-202.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3ª ed.). Artmed.
- Gil, A. C. (2017). *Como elaborar projetos de pesquisa* (6ª ed.). Atlas.
- Gomes, D. S., Coelho, O., & Morgado, C. (2020). As implicações da espacialização como categoria analítica da conversa na Língua Brasileira de Sinais e na Língua Gestual Portuguesa. *Sensos-e*, 57-69. <https://doi.org/10.34630/sensose.v7i3.3541>
- Kumari, A., Ranjan, P., Chopra, S., Kaur, D., Kaur, T., Kalanidhi, K. B., . . . Vikramb, N. (2021). What Indians Think of the COVID-19 vaccine: A qualitative study comprising focus group discussions and thematic analysis. *Diabetes & Metabolic Syndrome: Clinical Research & Reviews*, 679-682. <https://doi.org/10.1016/j.dsx.2021.03.021>
- Lathen, L., & Laestadius, L. (2021). Reflections on online focus group research with low socio-economic status african american adults during COVID-19. *International Journal of Qualitative Methods*, 1-10. <https://doi.org/10.1177/16094069211021713>
- Leitão, B. J. (2003). *Grupos de foco: o uso da metodologia de avaliação qualitativa como suporte complementar à avaliação quantitativa realizada pelo sistema de Bibliotecas da USP* [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo].
- Malhotra, N. K. (2011). *Pesquisa de marketing: foco na decisão. Tradução Opportunity Translations* (3ª ed.). Pearson Prentice Hall.
- Schmidt, B., Palazzi, A., & Piccinini, C.A. (2020). Entrevistas online: Potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19. *REFACS*, 8(4), 960-966. <https://doi.org/10.18554/refacs.v8i4.4877>
- Schneider, W. A., Feuerschütte, S. G., & Alperstedt, G. D. (2019). Grupo focal na pesquisa em administração: aplicações em estudos brasileiros. *Caderno De Administração*, 92-114. <https://doi.org/10.4025/cadadm.v27i1.48772>
- Silva, J. R., & Assis, S. M. (2010). Grupo focal e análise de conteúdo como estratégia metodológica clínica-qualitativa em pesquisas nos distúrbios do desenvolvimento. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, 10(01), 146-152.
- Souza, L. K. (2020). Recomendações para a realização de grupos focais na pesquisa qualitativa. *PSI UNISC*, 04(01), 52-66.
- Takashima, R., Onishi, R., Saeki, K., & Hirano, M. (2020). Perception of COVID-19 restrictions on daily Life among Japanese older adults: A qualitative focus group study. *Healthcare*, 1-15. <https://doi.org/10.3390/healthcare8040450>

- Trad, L. A. (2009). Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 777-795. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000300013>
- Vergara, S. C. (2016). *Projetos e relatórios de pesquisa em administração* (16ª ed.). Atlas.
- Williams, S., Armitage, C., Tampe, T., & Dienes, K. (2020). Public perceptions and experiences of social distancing and social isolation during the COVID-19 pandemic: a UK-based focus group study. *BMJ Open*, 1-8. <http://dx.doi.org/10.1136/bmjopen-2020-039334>
- Weber, G., Mota, C., & Antonacachi, D. (2019). ABEP. Obtido em 23 de junho de 2020, de ABEP: <http://www.abep.org/blog/artigos-e-entrevistas/olhando-por-dentro-da-caixa-de-ferramentas-qualitativas-digitais/>.
- Woodyatt, C., Finneran, C., & Stephenson, R. (2016). In-person versus online focus group discussions: A comparative analysis of data quality. *Qualitative Health Research*, 26(6). <https://doi.org/10.1177/1049732316631510>.